

SUBSÍDIOS DO ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS
PARA O ESTUDO DE UMA VARIANTE DIALETAL
CONTROVERTIDA *

Brian F. Head
UNICAMP

Serafim da Silva Neto (1963, 194) caracteriza uma região dialetal importante nos seguintes termos:

“Há que falar... de uma área muito carregada de tipicismo: estende-se por três Estados: sul de São Paulo, sul de Mato Grosso, e norte do Paraná, mas devemos reconhecer que está ainda longe de ter sido traçada com rigor. Em todo o caso, o ponto de irradiação parece ter sido São Paulo e o povoamento bandeirante. Essa é a região do País onde se acumulam os sons mais estranhos à *língua* comum. Trata-se:

- a) da africada palatal surda *tʃ*: *chave, cocho*;
- b) da africada palatal sonora *dʒ*: *já, gelo*;
- c) de um *r* inter e pós-vocálico, lingual e guturalizado,... Trata-se, pois, de um *r retroflexo*.
- d) de um *s* ... pré-dorso-dental.”

Uma das variantes típicas destacadas nessa citação, o *r retroflexo*, já havia sido caracterizada, nos seguintes termos, por Amadeu Amaral (1920, 21), que o chama de “*r caipira*”:

“*r* inter e post-vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é *linguo-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares de arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r caipira* assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico.”

(*) Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada como comunicação ao II Seminário de Estudos sobre o Nordeste (Língua e Cultura Popular), Salvador, 24 a 27 de novembro de 1975.

O estudo dessa variante em particular e do dialeto caipira em geral — de que a referida variante é considerada uma característica própria — reveste-se de um interesse especial, em vista das divergências de opinião entre os estudiosos que comentam este capítulo da dialetologia brasileira. Não há consenso quanto à vitalidade nem quanto à extensão geográfica do dialeto caipira e suas variantes típicas. Alguns consideram que tal variedade já está extinta. Assim Wilton Cardoso e Celso Cunha (1970, 44) afirmam o seguinte:

“Tal modalidade (o chamado DIALETO CAIPIRA), que constitui, até fins do século passado, uma feição característica e bem pronunciada do falar da antiga província de São Paulo, é apenas um dos aspectos do *caipirismo* que dominou todas as manifestações da vida provinciana na antiga unidade da Federação. A partir, todavia, do surto de desenvolvimento paulista, a mescla de populações estrangeiras, as vias de comunicação entre os centros de maior densidade demográfica, a intensificação do comércio e de relações de toda espécie e mais o extraordinário incremento da instrução popular, ao tempo que iam fazendo desaparecer o caipira genuíno, traziam, entre as transformações inevitáveis do meio social o desaparecimento, cada vez mais acentuado, da modalidade peculiar de sua linguagem. Já em 1920, o DIALETO CAIPIRA, conforme acentuava o autor que o estudou, acantonava-se em pequenas localidades que não acompanharam o progresso geral, e apenas remanescentes de seu anterior predomínio flutuavam na língua corrente do Estado. Hoje, pode-se dizer que o DIALETO CAIPIRA paulista desapareceu e já não constitui uma feição definida da dialeção do português no Brasil.”¹

Os referidos autores apresentam uma relação de fenômenos fonéticos característicos do dialeto caipira (p. 45), o qual, segundo eles, já desapareceu. No entanto, as propriedades citadas como típicas do dialeto caipira foram encontradas em estudos recentes realizados por outros investigadores.² Não é de estranhar, portanto, a existência de outras opiniões quanto à vitalidade do dialeto caipira e suas variantes típicas. Por exemplo, Silveira Bueno (1958, 2-3) diz:

“As características deste nosso falar continuam, portanto, ainda hoje, e muito vivas e persistentes até entre as pessoas mais cultas, desmentindo a afirmação de Amadeu Amaral, (segundo a qual o

(1) Num outro trabalho, Celso Cunha (1968, 76) afirma que “O *r* chamado *caipira*, peculiar à região norte de São Paulo e sul de Minas, tão bem descrito em 1920 por Amadeu Amaral, praticamente desapareceu. É hoje uma variante fonêmica mais folclórica do que lingüística...”

(2) A esse respeito, podemos mencionar dois trabalhos, um do sul do Estado de Minas Gerais (uma região normalmente considerada da área caipira) (Penha, 1922, 18-26), outro do Nordeste do país (F. I. Rodrigues, 1974, esp. seção 2.1.1).

dialeto caipira estava em vias de desaparecimento)... Existem áreas onde tais características são mais vivas que em outras e, de um modo geral, podemos afirmar que são aquelas cidades de fundação bandeirantes: Itu, Porto Feliz, Tietê, Atibaia, Bragança, Piracicaba, Tatuí, Limeira, Taubaté. Foram os bandeirantes paulistas que disseminaram por essas áreas a sua maneira de falar e as *[sic!]* levaram aos Estados que surgiram de seus descobrimentos de minas, especialmente Mato Grosso, Goiás, sul de Minas, norte do Paraná.”

De modo semelhante, Gladstone Chaves de Melo (1971, 106) refere-se à ocorrência atual do *r* característico do dialeto caipira:

“... um *r* sem vibração, quase insonoro, proferido com a língua intensamente côncava e caminhando até o alto da abóbada, quando então termina a prolação do fonema, que se articulou no véu palato, quase na úvula. Tal *r* é característico do Norte de São Paulo e Sul de Minas, e nele se transforma sistematicamente o *-L* final de sílaba. Quem já viajou por aquelas bandas sabe que basta transpor-se a Mantiqueira, aparecem meninos vendendo “paster de carne”, com o seu errezinho particular. Esta consonância aproxima-se bastante do *-r* final de sílaba americano, que figura por exemplo em *form*, porém, é mais intenso.”

Segundo Istre (1971, 285) o dialeto caipira, do qual o *r* retroflexo, se considera um elemento típico, é de grande vitalidade e extensão geográfica: “We are dealing with a viable, living dialect that is spoken by at least fifty million people living in the rural regions of Brazil. It is a dialect that has, and will continue to have, an influence on the standard dialects of the country.” Istre observa que o *r* caipira alterna com *φ* em posição final de palavra, e cita vários autores no intuito de mostrar que esta variante ocorre numa região extensa, que, segundo ele, abrange os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Amazonas, Goiás e Minas Gerais (235-239).

Em face das divergências entre as obras citadas, podemos afirmar que o *r* retroflexo é uma variante controvertida, no que se refere à sua vitalidade e extensão geográfica. A fim de determinar melhor a vitalidade, extensão geográfica e condições de ocorrência do *r* retroflexo, podemos examinar os dados relevantes de alguns estudos dialetológicos recentes que documentam a ocorrência de um *r* retroflexo, típico do dialeto caipira, em várias localidades: Itu (Zapparoli, 1970), Piracicaba (Rodrigues, 1974), São Luís do Paraitinga (Istre, 1971), Franca (Head, 1972) (todos no Estado de São Paulo) e São Domingos (Sul de Minas) (Penha, 1972). É especialmente interessante verificar que o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB)³ indica a ocorrência de um *r* retroflexo numa

(3) No presente trabalho, utilizamos dados do *Atlas* e do volume que o acompanha (Rossi, 1963 e 1965).

grande parte do Estado da Bahia. Considerando todas as transcrições do *Atlas*, em todas as cartas (os dados referentes a alguns dos itens do questionário usado no inquérito não foram apresentados em cartas, por razões expostas no volume que acompanha o *Atlas*), verificamos que o *r* retroflexo foi encontrado em nada menos de 18 das 50 localidades representadas no levantamento (Carta 1 do presente trabalho). Essas 17 localidades, que estão distribuídas entre 11 das 16 zonas fisiográficas do Estado, abrangem uma região delimitada ao oeste pelo Rio São Francisco, ao leste pelo Oceano Atlântico, ao norte pelo Rio Paraguaçu e a Chapada Diamantina, e ao sul pelo Estado de Minas Gerais (Carta 2).⁴

Se tivéssemos dados correspondentes aos do *APFB* para os Estados de São Paulo e Minas Gerais, e outros estados onde os estudiosos afirmam existir o dialeto caipira ou o *r* retroflexo típico (Paraná, Mato Grosso, Goiás, Amazonas, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte...), poderíamos fazer cartas representando as localidades e regiões estaduais onde se encontra a variante em questão. Mediante um confronto das cartas dos vários estados, poderíamos obter uma idéia de extensão da variante dentro das regiões correspondentes. No entanto, por se basear unicamente no fator geográfico, a comparação deixaria de indicar as diferenças mais significativas entre as condições de ocorrência, nas diversas localidades, da variante em questão. A este propósito, vamos considerar algumas diferenças na ocorrência do *r* retroflexo entre a Bahia e outros lugares.

Em primeiro lugar, verificamos que a *freqüência* de ocorrência do *r retroflexo* entre os informantes do *APFB* é muito reduzida, quer em termos da proporção de informantes que o usaram nas entrevistas, quer em termos do número de itens lexicais em que esses informantes manifestaram a variante em questão. Entre os informantes que forneceram dados utilizados na confecção das cartas — mais de cem em número — apenas 22 realizaram uma vez ou mais o *r* retroflexo; 11 realizaram-no em apenas um vocábulo e só dois em dez vocábulos ou mais. Além disso, em apenas 5 das 18 localidades onde foi encontrada, essa variante ocorreu na entrevista de dois informantes; nas outras, só um informante manifestou essa particularidade. E não houve um único caso em que os dois informantes da mesma localidade empregassem o *r* retroflexo nas suas respostas ao mesmo item do questionário: A freqüência reduzida da ocorrência do *r* retroflexo entre os informantes do *APFB* constitui um contraste marcante com sua elevada freqüência de ocorrência

(4) A delimitação aqui apresentada foi confirmada, após a apresentação desta comunicação, por exame de materiais inéditos do inquérito do *APFB*, que nos foi gentilmente proporcionada pelo Prof. Nelson Rossi, a quem consignamos nossos melhores agradecimentos.

entre os informantes dos trabalhos citados sobre Itu, Piracicaba, São Luís do Paraitinga e Franca, e entre falantes de várias outras localidades no Estado de São Paulo, segundo nossa observação durante investigação recente.

Diferenças na ocorrência de propriedades dialetológicas podem existir também em termos de outros fatores que influem na variação lingüística: fatores estruturais, sociais, históricos e estilísticos. Vamos examinar brevemente alguns aspectos desses fatores.

Como se sabe, a perspectiva estrutural permitiu uma renovação da dialetologia geográfica. Hoje em dia, vinte anos depois da publicação do artigo clássico de Weinreich (1954), intitulado com a pergunta dramática (senão mesmo revolucionária) "Is a structural dialectology possible?", não se discute a possibilidade de adotar uma perspectiva estrutural na dialetologia: estão comprovadas a viabilidade e a utilidade desse enfoque.⁵ Vejamos as conseqüências da adoção de perspectivas estruturais para a descrição de alguns dados sobre o *r* caipira ou retroflexo.

Quanto ao sistema de oposições, devemos observar que a ocorrência do *r* caipira ou retroflexo não afeta a oposição entre os chamados "*r* forte" e "*r* brando" em nenhuma das localidades para as quais dispomos de dados suficientes para uma análise fonológica deste caso: Capivari (Amaral, 1922), Itu (Zapparoli, 1970), Piracicaba (Rodrigues, 1974), São Luís do Paraitinga (Istre, 1971), Franca (Head, 1971), São Domingos (Penha, 1972), e Bahia (Rossi, 1963). Os dados de trabalhos referentes a essas localidades mostram que a ocorrência do *r* caipira ou retroflexo é sempre mais comum em posições onde a oposição entre "*r* forte" e "*r* brando" se neutraliza.⁶ Quando ocorre na posição intervocálica — único ambiente em que "*r* forte" e "*r* brando" se opõem em qualquer variedade ou dialeto do português — o *r* retroflexo corresponde ao "*r* brando" normalmente, uma vibrante simples) de outros dialetos. Portanto, o *r* caipira não afeta a composição do paradigma de oposições fonológicas.

A análise dos fatores estruturais na variação lingüística não deve limitar-se a uma simples consideração do sistema de oposições; além desse aspecto, podemos analisar vários outros, tais como os ambientes no sintagma em que a variante ocorre, outras entidades com que alterna nesses ambientes, e o efeito de fatores gramaticais.

(5) Uma comparação de duas variedades do português, empregando as perspectivas e alguns conceitos de Weinreich (p.ex., o de *diasystem*), encontra-se em Head, 1967.

(6) Sobre a oposição entre "*r* forte" e "*r* brando", v. Câmara Jr. (1963, 105-110 e 1970, 37-421).

No que se refere aos ambientes de ocorrência no sintagma fonológico, o *r* caipira encontra-se caracteristicamente nas seguintes posições, na linguagem das localidades indicadas:

Capivari:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra
- 3) intervocálica

Itu:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra

São Luís do Paraitinga:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra

Piracicaba:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra
- 3) intervocálica
- 4) segundo membro do grupo de consoantes

Franca:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra

São Domingos:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra

Bahia:

- 1) final de sílaba interna
- 2) final de palavra

Conclui-se que as posições em que o *r* retroflexo ocorre, diferem de um dialeto para outro.

Além do simples inventário dos ambientes em que o *r* retroflexo ocorre, devemos considerar a sua relação com outras entidades nesses ambientes. Neste caso, importa determinar: 1) com que outras realizações fonéticas alterna o *r* retroflexo em cada posição e 2) qual a relativa frequência dessa variante e das outras. No que se refere ao *r* caipira ou retroflexo, é preciso distinguir entre os casos de alternância com outras variantes em palavras: 1) com *r* e 2) com *L* na linguagem padrão, visto que uma das características reconhecidas do dialeto caipira é a troca de *L* por *r* em certas posi-

ções. No presente estudo, examinaremos a relevância do ambiente só em casos correspondendo a *r* na linguagem padrão, por serem esses bem mais numerosos nos dados dos trabalhos considerados aqui.

Servimo-nos dos seguintes dados para fazer uma comparação entre as freqüências de ocorrências de *r* retroflexo — segundo o ambiente fonológico — no falar de localidades diferentes: 1) para Piracicaba: Rodrigues (1974, 186-198), a transcrição dos resultados do inquérito fonético de 241 itens, realizado com sete informantes; 2) para São Luís do Paraitinga: Istre (1971, 150-233), o *corpus* do trabalho, que consta dos resultados das entrevistas, por questionário (com 283 perguntas), realizadas com três informantes, complementadas por observações sobre muitas das mesmas palavras pronunciadas por outros informantes; 3) para o Estado da Bahia: Rossi (1963).

Para as localidades representadas, as freqüências do *r* retroflexo e das variantes que alternam com ele nos diversos ambientes fonológicos são:

Piracicaba (sete informantes):

1. final de sílaba interna (141 ocorrências):

ɾ — 91.5% — “líquida vibrante retrofléxa
(ou cacuminal)”

r — 8.5% — “vibrante simples sonora”

2. final de palavra (31 ocorrências);

ɾ — 67.7%

r — 3.2%

ɦ — 9.7% — “fricativa laríngea (aspiração) sonora”

ϕ — 19.4%

3. posição intervocálica (197 ocorrências):

ɾ — 89.8%

r — 10.2%

4. segundo membro de grupo de consoantes (209 ocorrências):

ɾ — 26.9%

r — 64%

ʃ — 9.1% — componente de “um único som, africado,
ápico alveolar, assibilado...”

São Luís do Paraitinga (três informantes) :

1. final de sílaba interna (81 ocorrências) :

∂' — 90.1% — “the sound described by Amaral...
a midcenter off-glide”

r — 6.2%

ϕ — 3.7%

2. final de palavra (163 ocorrências) :

∂' — 36.8%

r — 6%

ϕ — 62.6%

3. posição intervocálica (125 ocorrências) :

∂' — 8%

ɽ — 80% — “voiced, apico-alveolar one tap trill”

ɹ — 16.8%

ɻ — 8% — “unvoiced, apico-alveolar one tap trill”

r — 8%

Em contraste com os dados acima, os informantes do *APFB* empregaram um *r* retroflexo umas sessenta vezes entre aproximadamente oitocentas ocorrências de algum tipo de *r* em posição final de sílaba interna, e só uma vez numa dezena de ocorrências de palavras com algum tipo de *r* em posição final.

Os dados sobre a relativa freqüência de cada variante, nos diversos ambientes discriminados, revelam que, de uma localidade para outra, diferem não só as posições ou ambientes em que ocorre o *r* caipira (pelo menos parcialmente), mas também 1) as outras variantes com que esta alterna, e 2) a relativa freqüência das entidades que acusam variação entre si.

Com a discriminação de alguns outros aspectos estruturais, tornam-se ainda mais claras as diferenças na ocorrência do *r* retroflexo. É indispensável, por exemplo, discriminar, no caso das ocorrências em posição final de palavra, entre os infinitivos e as outras palavras. Com os dados reagrupados segundo essa distinção, as freqüências em posição final de palavra são :

São Luís do Paraitinga :

Final de palavra não infinitivo (46 ocorrências) :

∂' — 56.5%

r — 2.2%

ϕ — 41.3%

Final de palavra infinitivo (117 ocorrências) :

ø — 29.1%

r — 0%

φ — 70.9%

Piracicaba :

r — 72.4%

r̄ — 3.4%

ñ — 10.3%

φ — 13.8%

Final de palavras infinitivos (2 ocorrências) :

φ — 100%

Em posição final de palavra, os dados que representam o falar de São Luís do Paraitinga indicam que φ é mais comum que r retroflexo em final de infinitivo, enquanto em outras classes de palavras o r retroflexo é mais comum que φ, nessa posição. Os dados de Piracicaba sugerem a mesma relação, mas são demasiadamente escassos para permitir a formulação de conclusões com segurança suficiente. Dados sobre Franca e algumas outras localidades em São Paulo colhidos e analisados por este autor confirmam plenamente a influência da classe gramatical do vocábulo na alternância entre retroflexo e zero em alguma realização não retroflexa do /R/ final de palavra. Os materiais do *APFB* não permitem analisar a influência da classe de palavra no condicionamento do r retroflexo em final de palavra entre os informantes dessa investigação, uma vez que são extremamente escassos os casos de palavras com r final nos dados levantados.

Resta mencionar, embora apenas sumariamente — devido a limitações na presente comunicação — alguns dos aspectos da influência de outros fatores no condicionamento da ocorrência do r caipira. Entre informantes de Franca e algumas outras localidades no interior de São Paulo, a investigação segundo diversas perspectivas tem revelado o seguinte: 1) na medida em que o estilo varia de mais espontâneo para mais refletido, entre informantes de uma mesma classe sócio-econômica e faixa etária, a frequência do r retroflexo diminui — o que indica seu caráter estigmatizado; 2) o grau de decréscimo na frequência de ocorrência da variante estigmatizada é maior entre informantes urbanos do que entre informantes rurais, em condições de igualdade; 3) a variação na frequência do r

retroflexo entre informantes de diversas faixas etárias é maior nas cidades do que nas áreas rurais, e 4) informantes de classes sócio-econômicas favorecidas e/ou áreas urbanas revelam maior sensibilidade ao caráter estigmatizado do *r* caipira do que informantes de classes desfavorecidas e/ou áreas rurais (Head, 1973 e 1974).

Em conclusão, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* proporciona dados indispensáveis para um melhor conhecimento da extensão geográfica do *r* retroflexo. Os dados da *APFB* permitem estabelecer uma fronteira, definida por obstáculos naturais (o Rio São Francisco, o Oceano Atlântico, o Rio Paraguaçu e a Chapada Diamantina), que delimita uma área geográfica contínua onde se encontra essa variante, ao norte de Minas Gerais — segundo vários autores, um estado caracterizado pela ocorrência, ainda não delimitada com rigor, do dialeto caipira e do seu *r* típico. Não é implausível que a fronteira estabelecida pela análise dos dados do *APFB* referentes ao *r* retroflexo, também seja importante na delimitação de outros casos de variação lingüística.⁷ É este o grande mérito do *Atlas*: proporcionar, não obstante seu caráter “prévio”, dados suficientes para formular, ou testar parcialmente, hipóteses quanto à extensão geográfica de variantes lingüísticas dentro da região estudada. Por esse motivo, os materiais do *Atlas* merecem ser mais conhecidos e utilizados no estudo de vários casos de dialetologia geográfica.

Por outro lado, o presente trabalho mostra serem relevantes no estudo do *r* retroflexo outras perspectivas, além do fator geográfico: as condições estruturais, sociais, históricas (indicadas em parte pelas freqüências relativas de ocorrência das variantes nas diversas faixas etárias) e estilísticas. Para um conhecimento melhor da variação lingüística, essas perspectivas deveriam ser adotadas junto à perspectiva geográfica. O *APFB* oferece poucos dados para um estudo complementar à perspectiva geográfica. Tal limitação não é peculiar

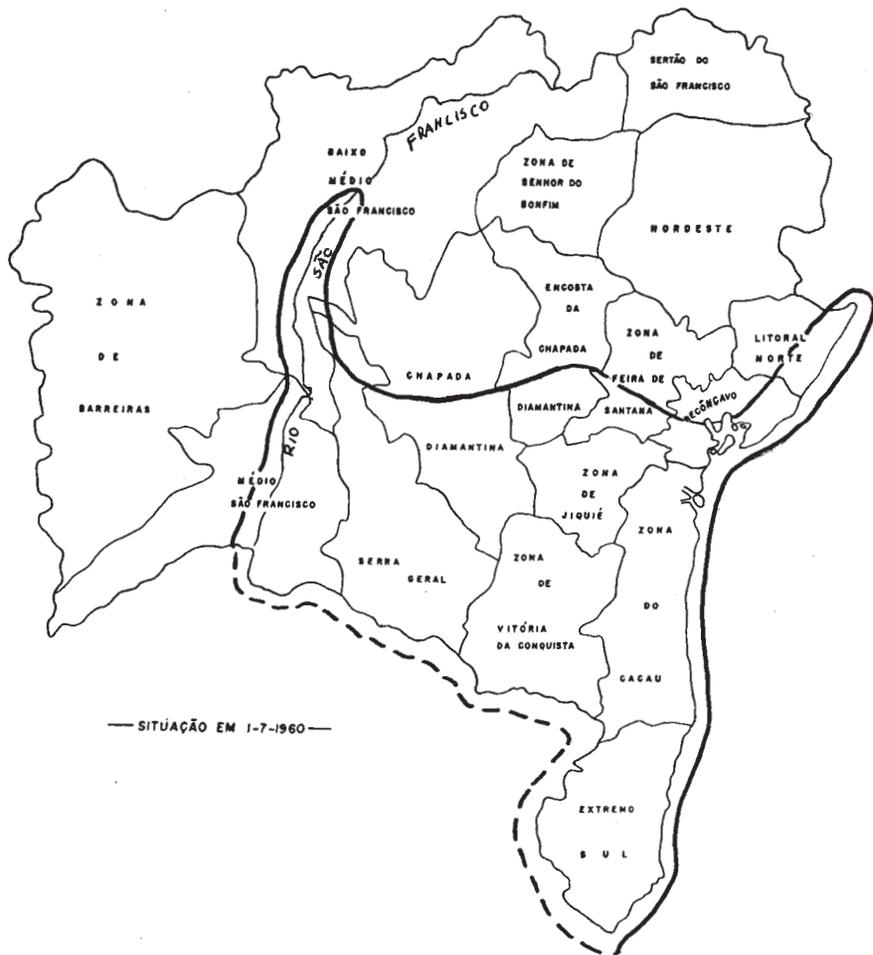
(7) Aproximadamente a metade das cartas analíticas do *APFB* (44 em número, que reúnem os dados apresentados em transcrição fonética e outros símbolos nas 154 cartas básicas da obra) parece confirmar a importância, em grau maior ou menor, dessa fronteira da delimitação de outros casos de variação, quer fonética ou fonológica (Carta 95R), quer lexical (Cartas 22R, 32R, 35R, 36R, 43R, 62R, 63R, 66R, 68R, 79R, 90R, 91R, 95R, 97R, 99R, 109R, 114R, 128R, 137R, 144R). As exceções — dados que ultrapassam em parte os limites da área em questão — representam, freqüentemente, casos de extensão ou ao oeste do Rio São Francisco ou então ao norte, no vale desse rio. Em face das semelhanças na distribuição dos dados representados nas cartas citadas, a importância dessa fronteira lingüística merece uma análise mais aprofundada. Por outro lado, não se deve concluir que a fronteira em questão constitua o limite nordestino da extensão geográfica do *r* retroflexo, que pode ocorrer em outras localidades e regiões no Nordeste ou Norte. Já tivemos ocasião de observar (porém, sem poder analisar) seu uso por alguns falantes do interior de Alagoas.

NOMES OFICIAIS DAS LOCALIDADES



Carta 1. Localidades do Estado da Bahia onde um *r* retroflexo foi encontrado entre os informantes do *Atlas Prévio*.

ZONAS FISIográfICAS



Carta 2. Área no Estado da Bahia onde um r retroflexo foi encontrado entre os informantes do *Atlas Prévio*.

a essa obra, mas antes caracteriza os atlas lingüísticos em geral.⁸ No entanto, é possível enriquecer extraordinariamente o conhecimento das condições de ocorrência de uma variante lingüística com alguns dados complementares à delimitação geográfica. Tais dados incidem nos seguintes aspectos:

- 1) a ocorrência em diversas condições estruturais, segundo os ambientes fonológicos e gramaticais;
- 2) a ocorrência em diversos estilos, o que permite delimitar o grau de estigmatização ou prestígio, no caso de variantes socialmente marcadas;
- 3) a ocorrência em diversas faixas etárias, o que permite depreender o caráter da evolução histórica;
- 4) a ocorrência entre falantes diferenciados por outros fatores sociais (além da idade, já mencionada), especialmente sexo e classe sócio-econômica.

É preciso que novas pesquisas sejam realizadas para complementar os dados de geografia lingüística fornecidos pelo APFB com informações que proporcionarem uma melhor compreensão da influência dos fatores geográficos, estruturais, sociais, históricos e estilísticos no condicionamento da ocorrência das variantes lingüísticas no Nordeste.

Obras Citadas

- AMARAL, Amadeu. 1920. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora "O Livro".
- BUENO, Silveira. 1958. "O dialeto paulista". *Jornal de Filologia IV* (3/4):1-33. São Paulo.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. 1953. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CARDOSO, Wilton e Celso Cunha, 1970. *Português através de textos*, 3.^a ed. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares.

(8) De modo semelhante, os trabalhos monográficos de dialetologia também não costumam aproveitar plenamente as perspectivas estruturais, sociais, históricas e estilísticas, com aplicação das suas respectivas técnicas de investigação. No entanto, muitos têm o mérito de apresentar dados adequados para uma análise, pelo menos parcial, segundo algumas dessas perspectivas. É o caso das duas monografias de que, para os fins do presente estudo, extraímos e analisamos, de um ponto de vista estrutural, dados extensos: Istre (1971) e A. N. Rodrigues (1974). As possibilidades de estudar a relação entre fatores sociais e variantes lingüísticas com base nos dados do APFB foram examinadas por Nilton Vasco da Gama (1976).

- CUNHA, Celso. 1968. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- GAMA, Nilton Vasco da. 1976. "Algumas observações sobre as variantes sociais dos dialetos baianos com base no APFB: um estudo sócio-lingüístico". *Atti. XIV Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza*, 2.
- HEAD, Brian F. 1967. "Some phonological differences between varieties of portuguese representing Lisbon and Rio de Janeiro: a study in structural dialectology". *Verhandlungen des zweiten internationalen Dialektologenkongresses*: 346-355. Wiesbade: Franz Steiner Verlag.
- HEAD, Brian F. 1973. "O estudo do 'r-caipira' no contexto social". *Revista de Cultura Vozes* 67(8) = *Panorama da Sociolinguística*: 43-49. Petrópolis.
- HEAD, Brian F. 1974. "Variantes fonéticas no Estado de São Paulo". Comunicação ao XII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos. Assis, SP (a ser publicada em forma de revista e ampliada, na *Revista de Letras* da Faculdade de Fiosofia, Ciências e Letras de Assis).
- ISTRE, Gies. 1971. *A Phonological Analysis of a Brazilian Portuguese Interior Dialect*. Tese de doutoramento inédita, Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College.
- MELO, Gladstone Chaves de. 1971. *A língua do Brasil*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- PENHA, João Alves Pereira. 1972 *Aspectos da linguagem de São Domingos: tentativa de descrição da linguagem rural brasileira*. Franca: s.ed.
- RODRIGUES, Ada Natal. 1974. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Editora Ática.
- RODRIGUES, Fernando Iório. 1974. *O linguajar matuto*. Trabalho datilografado do Curso de Aperfeiçoamento em Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- ROSSI, Nelson. 1963. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- ROSSI, Nelson. 1965. *Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentando, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SILVA NETO, Serafim da. 1963. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.^a ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- WEINREICH, Uriel. 1954. "Is a Structural Dialectology Possible?". *Word* 10 = *Linguistics Today*: 388-400.
- ZAPPAROLI, Zilda Maria. 1970. *Comportamento fonético-fonológico da região de Itu*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de São Paulo.